
RESENHAS

KELHOFFER, James A. *The Diet of John the Baptist: "Locusts and Wild Honey" in Synoptic and Patristic Interpretation*. Tübingue: Mohr Siebeck, 2005, 256p (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 176)

Comer gafanhotos e mel não é privação

Archibald M. Woodruff*

Por que ninguém reparou antes? Gafanhotos eram uma delícia no mundo de João Batista, e comer mel nunca foi privação para ninguém. Mesmo assim, a crença é quase geral de que a dieta de João, descrita em Marcos 1,6 e Mateus 3,4, corresponde ao asceticismo caracterizado em outros textos do Novo Testamento. Quem reparou foi James Kelhoffer, recém-saído da Universidade de Chicago com o doutorado, que fez da anomalia o ponto de partida para uma pesquisa extensiva, apresentada em artigos de várias revistas antes de apresentá-la em forma amadurecida neste livro (se ele fosse brasileiro, teriam os artigos permanecido em seu currículo?).

Eis o resumo do resultado da pesquisa: o relato da dieta liga João ao deserto. É assim que se come, vive e sobrevive no deserto. A menção do deserto, por sua vez, é importante porque a atuação de João o identifica com a "voz de quem clama no deserto" de Isaías 40,1; a dieta é relevante para o cumprimento da profecia. Marcos não diz que João se nutria exclusivamente desses dois alimentos. O fato não lhe chamava a atenção. Já Mateus especifica que João somente comia assim. O costume de comer gafanhotos era comum no Mediterrâneo oriental, especificamente em Qumran, mas estava fora de uso nos tempos neotestamentários. No Ocidente romano, de outro lado, a prática era rejeitada como entre nós agora. Mas, mel e gafanhotos continham quantidade suficiente de proteínas e calorias, embora fossem deficientes em carboidratos e em vitamina C. Não é, pois, surpreendente que a patrística considerasse ascético esse tipo de dieta, exaltando João como modelo para o crescente número de ascetas cristãos. Curiosamente, uma variante desta tradição entende que a palavra grega *akerides* não se refere a um

animal, mas a uma planta, fazendo de João modelo para vegetarianos cristãos, que não eram poucos nos primeiros séculos. O “mel” não se restringia ao de abelhas, podendo ser feito de figos ou até da seiva de certas árvores.

São inúmeras as pesquisas a respeito. O “estado da questão” inclui leituras sobre “alimentação natural” e do povo comum; literatura judaica desde Levítico até Maimônides, com exame de suas práticas e história; cultura grega, bastante ambígua; constatação na etnografia grega de um grupo na Etiópia que adotava dieta, também, de gafanhotos; além de indagações patrísticas.

O leitor, naturalmente, impressiona-se com a riqueza de detalhes desenterrados pela pesquisa e também com a cautela com que o autor tira conclusões. Não obstante, pode-se levantar a seguinte questão menor (entre muitas). Quando o autor admite que a apicultura chegara à Palestina na Antigüidade tardia, conclui que o mel de João não podia ser de abelhas silvestres. Em vez disso, no entanto, deveria indagar se a presença de abelhas na apicultura não aumentaria a possibilidade de algumas rainhas ter escapado, fundando, assim, novas colônias?

As conclusões deste livro devem ser levadas em consideração em futuras leituras dos evangelhos, e o próprio livro é bom modelo do que poderia ser pesquisado. O autor desta resenha trocou e-mails com o autor do livro, recebendo, como resultado, um exemplar para ser resenhado.